

Mulher de papel: **discursos sobre a trabalhadora rural no**

*Suplemento do Campo do jornal O Popular*¹

Kárita Racielly de Oliveira (Letras - CAC/UFG)²

k_racielly@hotmail.com

Erislane Rodrigues Ribeiro (Letras - CAC/UFG)³

erislane@bol.com.br

Palavras-chave: discursos, mídia, trabalhadora rural, Suplemento do Campo

Introdução

Hoje em dia, vivenciamos um momento na História do Brasil bastante salutar para a pesquisa sobre os discursos observáveis quando o tema são as relações de gênero. E para a realização desse tipo de estudo, a análise do diálogo que todo discurso trava com os outros discursos, com ênfase nas condições sociais, históricas e ideológicas a que todos eles se submetem é fundamental.

Em especial os meios de comunicação de massa fazem circular uma série de comentários que retomam, repetem, renovam, reconstróem sentidos já conhecidos, relacionados à questão da ausência/presença de simetria quando o tema em questão são os papéis sociais de homens e mulheres. Pires (2003) concluiu, por meio de um rápido resgate histórico, que mesmo com todas as transformações sociais ocorridas desde 1950, o discurso de que o papel feminino é cuidar do lar, do esposo e dos filhos ainda está enraizado na sociedade brasileira. Segundo ela, a diferença em comparação a outras épocas é que hoje a mulher cumpre jornada dupla, trabalha e cuida do lar.

Consideramos o desenvolvimento desse trabalho de suma importância para os estudos do discurso, da mídia e sobre a mulher, uma vez que tentamos descobrir, investigando os discursos veiculados em textos publicados pelo jornal O Popular em 2010, no caderno semanal “Suplemento do campo”, como nesse suporte específico a mulher do campo é representada discursivamente.

Segundo Fiorin (2006b, p. 36), “a seleção das palavras para identificar seres e denominar acontecimentos já revela um ponto de vista acerca dos ‘fatos’. Pensando desse

¹ Revisado pela orientadora.

² Orientanda.

³ Orientadora.

modo, podemos considerar que também as formas pelas quais a mulher é denominada implicam uma interpretação, são pistas que podem revelar bastante sobre os discursos que lhe dão sustentação. Não é indiferente intitular a mulher de trabalhadora, esposa, mãe, companheira, etc, pois, como sustenta Fiorin (2006b, p. 36) “a linguagem está sempre carregada dos pontos de vista, da ideologia, das crenças de quem produz o texto”.

O presente estudo foi realizado com base em estudos da Análise do discurso, tais como Fiorin (2006a e 2006b); em trabalhos que investigam a mídia e/ou os discursos nela correntes, como o de Ghilardi e Barzotto (2002), além de pesquisas voltadas à discussão sobre o papel do homem e/ou da mulher na sociedade como, por exemplo, Bourdieu (2009), Ghilardi-Lucena (2003) e Buitoni (2009).

Objetivos

Nosso propósito com esta pesquisa é ler e analisar textos do “Suplemento do Campo” do jornal O Popular, publicados em 2010, com a finalidade de observar os discursos sobre os papéis mais frequentemente atribuídos à mulher que trabalha no campo: trabalhadora, dona-de-casa, esposa, mãe, companheira do marido, etc, que resultam do diálogo estabelecido com outros discursos.

Metodologia

Nosso ponto de partida para a execução do projeto foi a leitura e seleção de textos do “Suplemento do Campo” do jornal O Popular publicados no ano de 2010, cujo conteúdo contemplasse, como tema principal, ou mesmo secundário, os papéis sociais da mulher que trabalha no campo.

Fizemos, simultaneamente, um estudo de textos da Análise do discurso relevantes para a nossa pesquisa. Estudamos a questão do dialogismo de acordo com Bakhtin (2000) e Fiorin (2006a e 2006b). Também aproveitamos as contribuições de estudiosos que pesquisam a produção de textos e discursos na mídia do mundo contemporâneo, tais como Ghilardi; Barzotto (2002). Por fim, fizemos leituras de pesquisas que trazem como tema as relações de gênero, como, por exemplo, Bourdieu (2009), Ghilardi-Lucena (2003) e Buitoni (2009).

Após estarmos embasados teoricamente acerca dos conceitos da análise do discurso, do discurso midiático em especial e da literatura concernente às relações de gênero, analisamos os textos selecionados previamente, procurando observar as relações dialógicas

estabelecidas com outros discursos, visando identificar os papéis mais frequentemente atribuídos, pelo “Suplemento do Campo” do jornal O Popular, à mulher que trabalha no campo.

Resultados⁴

O “Suplemento do campo” é publicado toda sexta-feira em O Popular (fundado em 3 de abril de 1938 por Jaime Câmara, Joaquim Câmara e Rebouças Câmara), um dos jornais de maior circulação do estado de Goiás, o qual se encontra no ano 21 de publicação. Esse caderno do jornal tem como público pessoas ligadas ou interessas em questões relativas à zona rural, pois traz reportagens abordando todos os tipos de assuntos de interesse do meio rural: do agronegócio até a agricultura familiar. As reportagens são escritas por profissionais com formação na área, como agrônômicos, mas também por jornalistas que não atuam diretamente com o campo.

Na análise do *corpus* da pesquisa (todos os Suplemento do campo publicados de janeiro a dezembro de 2010), pudemos encontrar trechos que demonstram, comprovam quais são os discursos mais frequentes que circulam sobre as mulheres nessa mídia especializada. Nos trechos selecionados apresentados a seguir são retomados discursos sobre as mulheres, trazendo consigo idéias já estabelecidas socialmente.

Como, por exemplo, em toda edição vêm duas receitas com ingredientes típicos do cerrado, pois se presume que a mulher que chega a ter acesso a esse meio de comunicação estará inserida na zona rural onde tem abundância da maioria dos ingredientes sugeridos. Exemplo disso é a receita de “Peta de polvilho doce” (RECEITAS, 2010, p. 5).

Vemos em algumas reportagens que quando a mulher trabalha, tal como o marido, é mencionada como esposa, mulher ou companheira e, a maioria das vezes, até é deixada de lado.

- “Para Suely de Oliveira Rezende, 60 anos **esposa** de José, conhecimento

⁴ Resultados parciais da pesquisa foram apresentados em dois eventos. No CONPEEC (Congresso de Pesquisa, Ensino, Extensão e Cultura), sob o título O “Suplemento do campo” de *O Popular* e seus discursos sobre a trabalhadora rural, apresentamos um pôster em maio de 2011; durante o II SINALEL (Simpósio Internacional de Letras e Linguística), em junho de 2011, apresentamos a comunicação **Mulher de papel**: discursos sobre a trabalhadora rural no *Suplemento do campo* do jornal **O Popular**.

adquirido em cursos pela a Internet [...]” (HERNADEZ, 2010, p. 3, grifo nosso).

- José Barbosa de Brito, 54 anos, e a **mulher**, Lindalva Alves de 52, são só felicidade com o pedacinho de chão que ganharam” (LIMA, 2010, p. 7, grifo nosso).
- “Justino Gomes dos Santos, 47 anos, nem lembra mais há quanto tempo vive da horticultura. Ao lado da **mulher**, Maria das Graças Santos, de 48 anos, criou os filhos trabalhando de sol a sol” (LIMA, 2010, p. 6, grifo nosso).
- “Um filho brincando de um lado, o outro nos braços da mulher, sua **companheira** em casa e no trabalho” (ANGELES, 2010, p. 7, grifo nosso).

O mais interessante é que no caso do primeiro exemplo, na foto da reportagem é dona Suely que aparece com o notebook nas mãos, mas em nenhum momento é referida sozinha.

Com os estudos analisados, pudemos constatar que no “Suplemento do campo”, o nome do marido aparece primeiro quando é citado junto ao da esposa, conforme pode ser observado nos exemplos seguintes:

- “Há até bem pouco tempo, José e Suely não sabiam de que forma um computador e uma conexão com internet [...] (HERNADEZ, p. 3, 2010).
- “Acostumados à pecuária, José e Lindalva precisaram se adaptar à agricultura familiar. No momento, cultivam milho e mandioca” (LIMA, 2010. p. 7)
- “Juvêncio Avelino Pereira, 75 anos, e a mulher Aparecida Pereira, 65 anos, não escondem a felicidade com a posse de um pedaço de chão” (LIMA, 2010, p. 7)

Na reportagem do Suplemento do dia 8 a Zero de janeiro de 2010, intitulada *Enraizada na cultura brasileira* de Angeles (2010, p. 6), percebemos que a idéia de submissão ao sexo masculino está enraizada no pensamento das mulheres, pois algumas colocam os maridos, pais, irmãos como seres superiores, de grande qualidade. Vejamos alguns trechos do referido texto:

- “O produtor não se descuida do lar, que há 58 anos, construiu na companhia de Laudinara Rodrigues de Deus, um ano mais moça que o marido” (ANGELES, 2010, p. 6).
- ““ele não para de trabalhar nem no domingo’ elogia Laudinara” (ANGELES, 2010, p. 6).

Na análise, observamos, também, a reiteração de um discurso bastante arraigado em nossa sociedade, que diz respeito à divisão do trabalho entre os sexos. Assim:

- “Um filho de Justino ajuda com a produção e, uma filha, com os cuidados da casa” (LIMA, 2010, p. 6)

Ainda sobre essa questão, a reportagem de Angeles (2010, p. 7) traz um trecho, transcrito abaixo, que chama bastante a atenção:

- “Das mãos do homem, o barro toma forma. Grandes, médias e pequenas, panelas vão surgindo. Tem da cor vermelho-terra e, defumadas em forno rústico, nascem outras, de um pretume fosco. Mais tarde, estas ganham o toque final, dado pelas mãos da mulher”.

Outra vez vemos reiterado o discurso que diz respeito à tradicional divisão do trabalho no espaço doméstico entre os dois sexos, masculino e feminino. Nesse exemplo, vê-se que, enquanto ao homem, Murilo, cabe o trabalho mais grosseiro de dar forma ao barro, à mulher, Suelene, fica a tarefa de refinar o trabalho, dando o toque final.

Ainda sobre essa questão, o “Suplemento do campo” em várias edições traz reportagens sobre agropecuária. No suplemento dos dias 22 a 28 de outubro de 2010, *Cuidados na escolha do reprodutor*, Heloísa Lima entrevista a pecuarista e criadora de nelore Nelcy Palhares. A reportagem destaca o espaço que ela conquistou, apesar de ser uma área dominada por homens. A entrevistada iria assumir a diretoria financeira da Federação da Agricultura do Estado de Goiás (Faeg), conquista inédita no Estado de Goiás.

O tom de surpresa, indagação diante de uma conquista feminina também aparece na reportagem publicada pelo Suplemento de 29 outubro a 4 de novembro de 2010. Nessa reportagem inicialmente verificamos a presença do discurso sobre a existência de preconceitos quando a mulher assume certas atividades realizadas no meio rural:

- “Mulheres desafiam preconceitos para exercer atividades no campo” (CAMPO, 2010, p. 4)

A reportagem destaca uma mulher praticando atividades comuns a homens. Observamos nela um tom de surpresa pela jovem optar por estudar técnicas agropecuárias, sendo ela a caçula de três irmãos a única a optar pelos estudos nessa área. (CAMPO, 2010, p. 4).

- “Mas o gosto por saltos altos e batons não dava indícios aos familiares sobre a futura opção profissional de Josibel” (CAMPO, 2010, p. 4)

Nessa última fala percebemos que a feminilidade é entendida como algo que não combina com mulheres que exercem atividades pesadas, rurais, enfim profissões que ainda não tem um grande número de mulheres atuando.

Discussão

Os vários discursos podem ser observados na fala de uma pessoa diretamente, ou pode estar registrado por um livro, artigo, na memória lingüística de uma sociedade. Esses discursos podem retratar sobre o cotidiano cultural, econômico, social, religioso de um lugar, pois todas as atividades humanas necessitam de uma linguagem para serem explicadas, compreendidas.

O pesquisador não pode se esquecer que todos os discursos estão ligados a outros discursos, o que produz uma cadeia de respostas a um discurso, a ideias, a pensamentos. Conforme Bakhtin (2000, p. 313) “há sempre um número de idéias diretrizes que emanam dos 'luminares' das épocas [...]”. Hoje os “luminares” são propagados, especialmente, pelos meios de comunicação dominantes, a mídia televisionada, falada, ou escrita consegue impor muitos discursos dominantes. Assim os falantes que recebem essas informações vão produzindo enunciados-repostas aos discursos recebidos, utilizando-os na produção de um novo enunciado.

Nas palavras de Fiorin (2006a):

“Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltando, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum outro objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos” (FIORIN, 2006a, p. 19).

Assim sendo, ao vermos um discurso temos que observar suas origens, para percebermos os efeitos de sentidos que ele carrega consigo, afinal todos os discursos estão afetados por sentidos produzidos por outros seres, em outros lugares e tempos históricos.

Nos dias atuais vivemos um momento histórico no Brasil propício para o estudo dos discursos quando o tema são as relações de gênero. Estamos vivendo um momento de ascensão do sexo feminino no mercado de trabalho, isso leva com que o mercado que produz objetos que as mulheres são consumidoras cresça e se aprimore para atender uma demanda crescente.

Como as mulheres estão sendo colocadas no espaço midiático, os meios de comunicação fazem circular uma série de conceitos que retomam, repetem, renovam, reconstruem sentidos já conhecidos, por meio disso podemos analisar a questão da

presença/ausência de simetria dos papéis sociais atribuídos a mulher no nível do discurso.

Nas palavras de Pires (2003, p. 207), “as relações hierárquicas entre os sexos são estratégias de poder, articuladas a partir do discurso, tentam encobrir as desigualdades, naturalizando-as”.

Alguns paradigmas culturais de gêneros não se estabelecem apenas pela divisão entre homens e mulheres, mas também por critérios tais como cor, raça, classe social. Sempre nos foi pregado que para exercer poder deve-se ter força, disposição, um bom psicológico, condições estabelecidas socialmente e atribuídas à natureza. Para o homem é mais fácil exercer o poder, pois ele já nasce com as condições ideais para isso. (SGARBIERI, 2003, p. 125)

A sociedade brasileira tem se transformado para atender as mudanças dos papéis da mulher, para se situar nas transformações ocorridas e pode ser considerada uma sociedade moderna tendo como parâmetro esse quesito. Entretanto, podemos observar algumas contradições. Por exemplo, no Brasil, onde a maioria das mulheres são educadas para casar e exercer as atividades do lar, presenciarmos mulheres sendo responsáveis por 24,9% do sustento dos lares brasileiros, com esse número crescendo a cada dia. (SGARBIERI, 2003, p. 126)

De maneira geral, as mulheres que, em sua maioria, até muito pouco tempo estavam confinadas ao ambiente doméstico começam a se libertar da instituição imposta pela família e pela igreja, o casamento, tido como sendo a única forma de sobrevivência, de ascensão da mulher. Ultimamente, ela vem trabalhando fora de casa, conseguindo meios financeiros para se colocar de forma expressiva no mercado consumidor. Agora ela pode adquirir produtos antes de exclusiva aquisição masculina como carros, viagens, roupas. Assim o mercado midiático ganha uma nova cliente, a mulher que economicamente é independente.

O quesito beleza combinado com juventude também tem sido almejado pelas mulheres. Alcançar um corpo ideal, enquadrar-se nos padrões de beleza estabelecidos pela mídia, em suas propagandas tem sido o ideal de muitas mulheres. Até porque, conforme explica Bourdieu (2009, p. 119), as mulheres são “socialmente levadas a tratar a si próprias como objetos estéticos e, por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância do corpo, das vestes, da postura[...]”.

Sobre essa questão, as revistas cada vez mais trabalham com padrões de beleza exigentes, trabalham com um ideal de beleza e implantam a idéia de que se a mulher não se encaixa nesse padrão ela será excluída de seu meio. (BOUITONI, 2009, p.74)

Quando falamos em ascensão da mulher, encontramos um fator surpresa, a dupla

jornada. Mesmo com todas as transformações ocorridas desde 1950, o discurso de que o papel da mulher é o de cuidar do lar, do esposo e dos filhos ainda está enraizado na sociedade brasileira. Quando a mulher deixa seu lar por todo o dia para trabalhar, ganhar seu salário ela deixa para trás suas obrigações como administradora de seu lar, algumas podem contratar outra mulher para substituir seu papel como administradora de seu lar, ocorrendo, com isso um aumento do papel das chamadas empregadas domésticas. As que não podem contratar esse tipo de prestação de serviço, tem que chegar em casa e cumprir com suas obrigações domésticas, cumprindo uma dupla jornada de trabalho.

Além disso, muitas vezes as mulheres são vistas como um ponto de desordem na ordem de emprego. Em muitos casos as mulheres não atendem todos os requisitos legais que as leis trabalhistas estabelecem ao empregado formal, trabalham na informalidade e, com isso, são vistas como seres que impedem que o movimento trabalhista seja estruturado, que todos os sujeitos sejam integralizados nos meios produtivos, da promoção de pleno emprego pelo Estado que visa dar o direito dos sujeitos trabalharem e produzir seu meio de sobrevivência, alcançando o bem estar social.

Há um discurso bastante cristalizado por uma interposição histórica que diz que os homens têm a obrigação de trabalhar, ter um emprego fixo e com carteira assinada, e ganhando mais do que as mulheres no mercado formal de trabalho. Isso é um sinal de “ordem” na sociedade patriarcal. Para os homens dessa sociedade, a mulher deve ficar em casa e não sair pra trabalhar, tem uma carga moral, pois se ela sai para trabalhar seu esposo pode ficar diminuído.

O que tem sido aceito, quando a mulher trabalha e recebe pelo que faz, é o auxílio no provimento da alimentação da casa. Muitas vezes a colaboração da mulher nessa despesa é vista até como uma obrigação. Raciocínio que se faz é que já que as mulheres saíram para trabalhar elas devem ajudar com as despesas de casa.

No século XXI o quadro feminino começa a ser transformado, em um cenário globalizado, ágil, onde as informações são rápidas e se transformam o tempo todo. Nesse cenário, um maior número de mulheres teve que romper com os papéis que vinha desempenhado através da história, e passar a ter vontade, a tomar decisões e fazer alguns sacrifícios. (CONFORTIN, 2003, p.107).

Quando o que está em questão é o papel da mulher no campo, diversas pesquisas têm demonstrado que, em ambientes rurais, o conservadorismo costuma ser maior que em ambientes urbanos, o que significa que costuma haver uma hierarquização bem marcada entre os membros de uma família, cabendo ao homem adulto, geralmente o pai, o papel de

protagonista. A ele ficam subordinados os filhos, os empregados e também as mulheres. No entanto, isso não significa que, hoje, no campo, não possam coexistir, combinados, elementos convencionais da figura feminina com outros que, segundo Sales (2007) revelam “as profundas ansiedades do gênero que caracterizam a época atual”.

Segundo a autora, a mulher do campo tem participado ativamente, nas últimas décadas, de movimentos sociais com o objetivo de garantir direitos que até então lhe eram negados. Nesse sentido, foram realizados, apenas em 1985, “12 encontros de mulheres trabalhadoras rurais nas mais diversas regiões do país. Em 1990, o tema da Campanha da Fraternidade da Igreja Católica, que tem um poder de inserção na zona rural bastante grande, foi “Deus quer homem e mulher como companheiros, iguais nos direitos porque os dois são imagem e semelhança d’Ele”. Em 1988, foi garantido pela Constituição Brasileira que a partir de então os títulos das terras obtidas por meio da Reforma Agrária fossem registrados em nome não apenas do homem, mas também da mulher (SALES, 2007).

Considerações finais

Concluimos que a mulher, apesar de vir conquistando cada vez mais seu espaço e respeito da sociedade, ainda sofre muitos preconceitos, é marginalizada. Atualmente existem muitas formas de ser vista como mulher. Dentro do sexo feminino, dividiram-se as formas de ser mulher. Hoje ainda existem as mulheres mãe, esposa, conselheira, pertencentes à classe A, B ou C, residente em tal país, em tal cidade e bairro, casada com tal homem. Também existem as mulheres trabalhadoras, independentes, cheias de vontade própria e “livres”, que também seguem outros padrões estabelecidos dentro do universo feminino.

No nível discursivo, analisando especificamente o caso da trabalhadora rural, sua figura vincula-se a papéis que a colocam em desvantagem em relação aos homens.

No corpus analisado, a frequência com que as mulheres são citadas confirma que tal como ocorre em muitas práticas cotidianas, também no nível discursivo há uma certa marginalização da mulher. Há como que um silenciamento em torno da figura feminina no suporte analisado, o qual a cita muito pouco, ou a cita como alguém submetido a outro(s).

Pensado assim, ao analisarmos as colocações que são feitas em relação as mulheres e a frequência que são feitas no “Suplemento do campo”, descobrimos que a mulher do campo praticamente não tem espaço nas páginas desse caderno. Nesse sentido, vale a pena ponderarmos que o “não-dito faz parte também da produção de sentido, por meio dos pressupostos, dos subentendidos e daquilo que se cala, quer intencionalmente quer por

imposições de censura. Muitos têm sido, hoje em dia, os trabalhos que versam sobre o silêncio, sobre a ausência que é presença [...]” (GHILARDI; BARZOTTO, 2002, p. 15). E no espaço a ela destinado, figuram os mesmos papéis repetidos à exaustão em tantos outros lugares, a saber: os de esposa, companheira do homem e não a de trabalhadora que assume, tal como o homem, a luta pela garantia de sua subsistência e de sua família.

Referências

ANGELES, Nara de los. Enraizada na cultura brasileira. **O Popular**, Goiânia, 08 a 0 jan. 2010. Suplemento do Campo. p. 6-7.

ANGELES, Nara de los. Gente do nosso caminho. **O Popular**, Goiânia, 25 de mar. Suplemento do Campo, p. 6-7.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BUITONI, Ducília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

CAMPO para todos. **O Popular**, Goiânia, 29 out./4 nov. 2010. Suplemento do campo, p. 4.

CONFORTIN, Helena. **Discurso e gênero**: a mulher em foco. In: GHILARDI-LUCENA, M. I. (Org.). **Representações do feminino**. Campinas: Átomo, 2003. p. 107-123.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006a.

_____. Os jornais e a verdade. **Língua Portuguesa**, ano 1, n. 11, 2006b.

GHILARDI, Maria Inês; BARZOTTO, V. H. (Orgs.). **Nas telas da mídia**. Campinas: Alínea, 2002.

HERNADEZ, Pablo. Janela para o mundo da informação. **O Popular**, Goiânia, 29 out./4 nov. Suplemento do campo, p. 3.

LIMA, H. Pronto para crescer. **O Popular**, Goiânia, 5 a 11 fev. 2010. Suplemento do Campo, p. 6-7.

PIRES, Vera Lúcia. A identidade do sujeito feminino. In: GHILARDI-LUCENA, M. I. (Org.). **Representações do feminino**. Campinas: Átomo, 2003. p. 201-213.

RECEITAS do campo. **O Popular**, Goiânia, 8 a 0 jan. 2010. Suplemento do Campo, p. 6.

SALES, C. de M. V. 2007. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. *Revista Estudos Feministas*, mai./ ago., v. 15, n. 002. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/381/38115210.pdf>>. Acesso em: 20 fevereiro 2011.

SGARBIEIRI, Astrid Nilsson. **A mulher brasileira**: representações na mídia. In:
GHILARDI-LUCENA, M. I. (Org.). **Representações do feminino**. Campinas: Átomo, 2003.
p. 125-140.